

RevistaDigital

FÉ CRISTÃ

Edição 5, ano 1, nº 5, outubro de 2020

O APAGÃO DA FÉ CRISTÃ NA EUROPA

EVANGELISMO

Iniciamos a série sobre o dever cristão de pregar o evangelho.

LECLERC VICTER

E o liberalismo teológico nas igrejas Brasileiras.

BLACK LIVES MATTER

Como nós cristãos devemos nos comportar diante desse movimento à luz da Escritura?



Conversando com:

REV. AGEU MAGALHÃES

Uma entrevista rápida e simples para você aprender definitivamente sobre **ORTODOXIA, ORTOPRAXIA e ORTOPATIA.**

Revista FÉ CRISTÃ

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **CAPA:** Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO DE TEXTO:** Lorena Garrucho **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **TRANSCRIÇÕES:** André Otonio **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **PUBLICIDADE/DIVULGAÇÃO/PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 5, ano 1, nº 5, outubro de 2020, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Conteúdo

07

EDITORIAL

Nesta edição da Revista Fé Cristã, procuramos trazer para o leitor artigos e matérias acerca desta guerra dupla, interna e externa, da Igreja de Cristo: contra o Inimigo, lá fora, e contra o liberalismo teológico, dentro.

14

FALA, PROFESSOR!

Novas palavras, diferentes atores, mas a questão central [e o problema] é sempre a mesma: A TEOLOGIA LIBERAL.

27

BLACK LIVES MATTER

O que é Black Lives Matter? Quais são as pressuposições do movimento e seus contrastes com a Escritura? Quais respostas a Bíblia nos fornece quanto ao que propõe o BLM?

08

ARTIGO DO MÊS

A fé cristã encontra-se em franco declínio em muitos dos países europeus, cada vez mais secularizados. O secularismo tornou-se a cosmovisão dominante na Europa central e no norte dos Estados Unidos.

23

CONVERSANDO COM... REV. AGEU MAGALHÃES

No dia 16 de setembro de 2020, uma quarta-feira, em pleno horário do almoço, abordei o Rev. Ageu Magalhães. Em tempo recorde, ele nos respondeu e, alinhamos a entrevista sobre ortodoxia, ortopraxia e ortopatia.

33

EVANGELISMO

Começaremos a série sobre o evangelismo com esta pergunta que é muito importante: o Evangelho é complicado?



O CREDO APOSTÓLICO

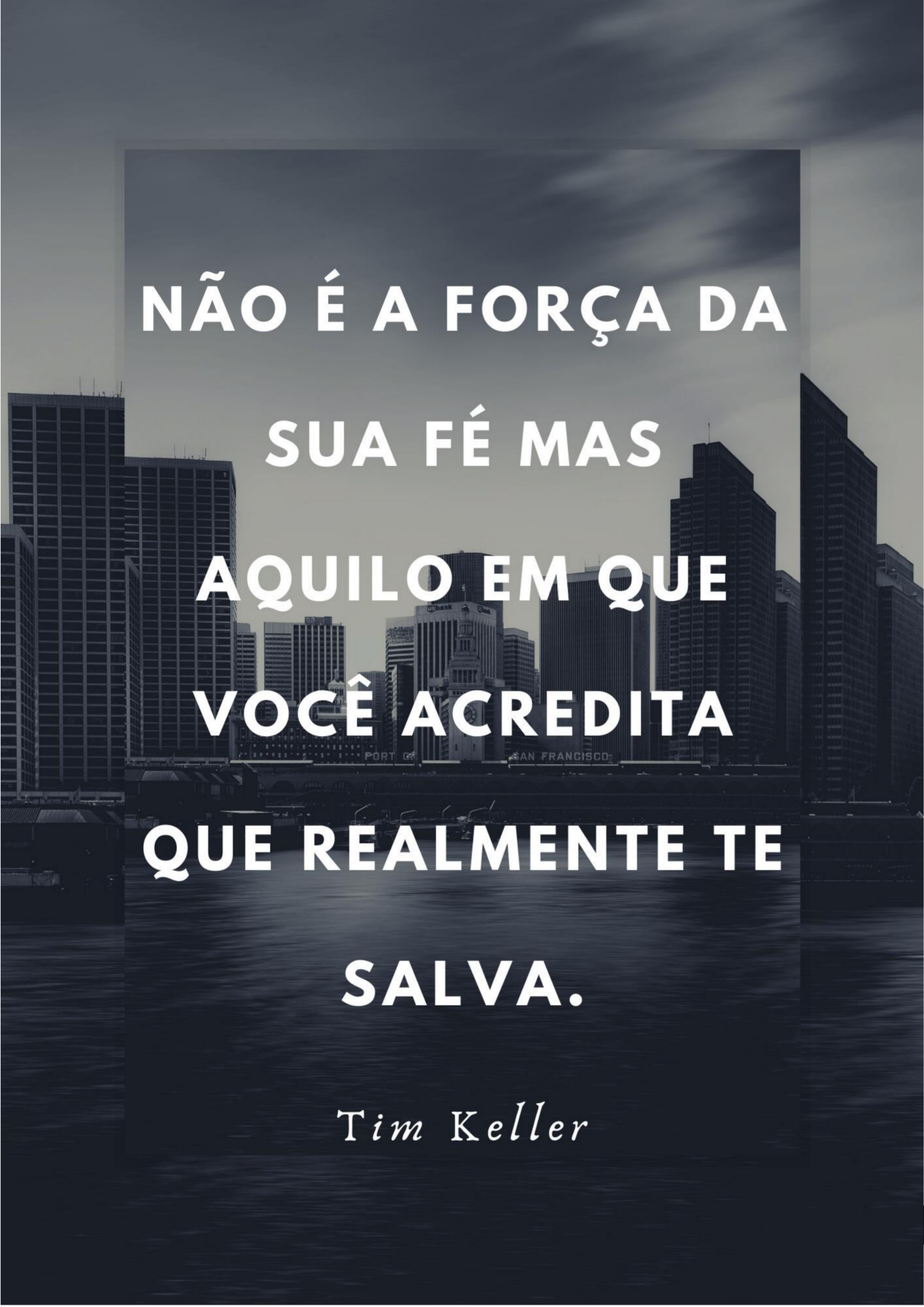
Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.

Carta ao Leitor

Olá, querido leitor. Que a Graça e a paz do Senhor Jesus estejam com você. Para uma melhor experiência, gostaríamos de ressaltar que somos uma revista formada por servos de Deus de várias denominações e linhas teológicas. Por isso, OS TEXTOS DE CADA COLUNISTA E ARTICULISTA DIZEM RESPEITO TÃO SOMENTE ÀS OPINIÕES, INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES DO PRÓPRIO AUTOR QUANTO AOS TEMAS ABORDADOS. cremos que nós, das principais denominações cristãs e linhas teológicas, devemos estar unidos por nossas semelhanças, ao invés de separados por nossas diferenças. Em nossa revista, portanto, teremos colunistas de diversas linhas teológicas: pentecostais, calvinistas, arminianos, batistas, assembleianos, presbiterianos, enfim, somos uma equipe que integra membros de todas as grandes linhas do protestantismo. Vale lembrar que cada irmão da equipe faz um trabalho piedoso e santo, tanto nas redes sociais, quanto em sua igreja local. Todos os colaboradores, portanto, afirmam sem sombra de dúvidas todas as doutrinas centrais do cristianismo. TODAS. Nosso objetivo, com esse critério, é produzir um material cristão de qualidade, com conteúdo rico, teologicamente saudável, para que você possa ser abençoado, edificado e equipado em sua caminhada cristã – e sem ter que pagar por isso. Coloque-nos em suas orações e que Deus abençoe sua vida! Esta revista foi feita especialmente para você, para a glória de Deus. Desfrute do recheio. E até mês que vem.

RevistaDigital

FÉ
CRISTÃ



**NÃO É A FORÇA DA
SUA FÉ MAS
AQUILO EM QUE
VOCÊ ACREDITA
QUE REALMENTE TE
SALVA.**

Tim Keller



O amor de muitos esfriará

por Marcos Motta
editor-chefe

Em um dos textos escatológicos mais famosos da Escritura, Jesus nos ensina que a Igreja, nos *últimos dias*, sofreria em duas frentes, tendo que se defender em ambas. Do lado de fora da Igreja, viriam os ataques dos governos, dos poderosos da terra, dos amantes do mundo. Ao mesmo tempo em que a Igreja, através de suas boas obras, confundiria a mentalidade mundana, causando uma convulsão social, como aconteceu com o próprio Cristo, seria também expelida por esta mesma sociedade, isto é, vomitada, na medida em que seus membros se tornassem como Ele.

Se isso se mostra como algo perigoso, a segunda frente, no entanto, é ainda mais. Do lado de dentro da Igreja, surgiriam os falsos profetas e falsos mestres, os crentes meramente nominais, os lobos vestidos de ovelhas, e os hereges ensinando “outros evangelhos”, que levariam a muitos consigo para a perdição. Esta segunda frente é mais perigosa porque, ao invés de o combate acontecer predominantemente contra nossos corpos e nossa presença geográfica, acontece no território da mente e do coração dos crentes, afastando de Cristo todos quantos sucumbem na batalha. Não à toa, o Mestre nos diz que, nos *últimos dias*, “o amor de muitos esfriará”.

Nesta edição da Revista Fé Cristã, procuramos trazer para o leitor artigos e matérias acerca desta guerra dupla, interna e externa, da Igreja de Cristo. O artigo especial, escrito pelo Pr. Tiago Bugalho, fala sobre a derrocada da fé cristã na Europa causada, basicamente, pela falha em atuar nestes dois *fronts*. O irmão Wallas Pinheiro escreveu um belíssimo artigo sobre o movimento antirracismo *Black Lives Matter*, que é uma

das expressões atuais do esquerdismo anticristão norte-americano e que representa, certamente, o maior inimigo externo da igreja mundial. Por sua vez, o professor Leclerc Viter contribuiu para a edição com uma matéria sobre o liberalismo teológico, o qual tem feito com que percamos a batalha do lado de dentro da igreja brasileira, mais precisamente, com ataques anticristãos oriundos diretamente dos púlpitos.

No mesmo tom, o Rev. Ageu Magalhães concedeu-nos uma preciosa entrevista sobre ortodoxia, ortopraxia e ortopatia, e consequentemente, sobre a negação da ortodoxia, que nada mais é do que um fruto direto da teologia liberal nos seminários, nas livrarias e, por fim, nos microfones. Mas, nem tudo está perdido. O recheio da revista traz, também, o início da série sobre o evangelismo pessoal, e isso entre os muitos outros artigos de extrema qualidade que já são marca registrada da revista, e da expectativa do leitor quanto ao que vai encontrar ao lê-la.

E na próxima edição, não perca: o Missionário João Paulo, da SEMADI, traz à lume mais uma estratégia para alcançarmos as nações, desta vez com uma imersão na questão da linguagem – imprescindível para se fazer missões.

Receba o exemplar desta revista como sendo o fruto do trabalho de muitos irmãos que desejam que você não apenas leia, mas possa compreender, amar e praticar a Palavra, bem como expor, explicar e aplicá-la mundo afora – tudo isso no poder do Espírito Santo. Até a próxima edição!



O

apagão

da

fé cristã

na Europa

É conhecida a marcante frase em latim “*Post Tenebras Lux – Depois das Trevas, Luz*”, proferida pelo famoso reformador João Calvino, para referir-se à Reforma Protestante, a qual trouxe a luz do Evangelho para triunfar sobre as trevas que reinavam há séculos na Europa e no mundo.

Como cristão, português e residente na Europa, dou testemunho “*in loco*” do que tragicamente assistimos na Europa: “*Post Lux Tenebras - Depois da luz, trevas.*” Para tal afirmação, quero ter o cuidado de não ser guiado pela minha percepção pessoal, que é subjetiva, mas de provar essa triste realidade com estudos recentes que comprovam o *apagão da fé cristã na Europa*.

A Europa tem avançado a passos largos e de forma galopante em direção a uma sociedade pós-cristã, e isso, é claro, na análise das mais recentes pesquisas disponíveis, algumas das quais darei a conhecer neste artigo para ilustrar esta trágica realidade.

Se o futuro de um país, de uma sociedade e de uma igreja, está nas gerações mais novas, é necessário e importante olhar para as pesquisas que as têm como objeto de estudo para que tenhamos uma ideia clara do que é o presente e também do que será o futuro; tragicamente tais pesquisas demonstram que a maioria dos jovens europeus não segue religião alguma.

Um estudo promovido pelo *Pew Research Center*, dos EUA, descobriu que a **República Tcheca** é o país menos religioso na Europa, com 91% dos jovens de 16 a 29 anos dizendo não ter nenhuma filiação religiosa. Não ignoremos o fato que este é um país tradicionalmente considerado cristão, origem do famoso reformador e mártir John Huss, que morreu queimado vivo cantando um hino e onde a sua estátua pode ser encontrada na capital, Praga. Hoje, no entanto, também é o país onde cada vez menos encontramos a fé cristã, pela qual Huss morreu.

O mesmo estudo aponta que perto de 80% dos jovens adultos na **Estônia**, **Suécia** e nos **Países Baixos** também se classificam como não religiosos. Outro dado que surpreende neste mesmo estudo surge do **Reino Unido**, conhecido por ser tradicionalmente cristão, mas onde, atualmente, 70% dos jovens não se identificam com nenhuma religião. Chega a ser assustador que o país de Charles Spurgeon, John Wesley, William Carey, Martin Lloyd-Jones e tantos outros “heróis” da história da Igreja Protestante, seja agora uma mera sombra do que fora vivido e experimentado em séculos passados recentes – recordemos que Charles Spurgeon, o “Príncipe dos Pregadores”, chegou a ser mais famoso

que um primeiro-ministro, e as suas pregações todos os domingos enchiam as instalações da igreja.

A conclusão do estudo foi categórica: “*A Europa ocidental, berço do protestantismo e historicamente sede do catolicismo, tornou-se uma das regiões mais seculares do mundo.*”

Como português, nascido e criado na terra de Vasco da Gama e Luís de Camões, quero dar a conhecer também a realidade deste pequeno país através de um dos mais recentes estudos europeus divulgados no ano de 2018, com o tema “*Os Jovens Adultos e a Religião na Europa*”. Este estudo conclui que 42% dos jovens portugueses não se identificam com nenhuma religião; dentro desse grupo, constatou-se o fato de que 35% não assiste a nenhum serviço religioso.

Em Portugal e em toda a Europa, a realidade do afastamento das gerações mais novas da religião não é coisa contemporânea, apenas tem sido acentuada com o passar dos anos e de forma cada vez mais rápida. Nós, europeus, não precisamos de estatísticas para sermos conscientes do apagão da fé cristã na Europa, pois basta apenas, de forma específica, olhar para as últimas décadas as quais dão testemunho da forma incrivelmente rápida como a Europa abraçou e defendeu temas como o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e aquilo que chamamos corretamente como ideologia de gênero. De acordo com estudiosos, foi a adoção dos princípios cristãos que elevou a Europa ao alto estado de civilização e à posição de destaque que ocupa, ainda hoje, na sociedade contemporânea. Contudo, as pesquisas mostram que esse tempo está no fim. Os valores fundadores da Europa, os valores judaico-cristãos são, hoje, nada mais que uma miragem do passado e isto é consequência de uma nova cosmovisão, uma nova maneira de pensar.

Vivemos tempos em que, na Europa, impera o *pós-modernismo*. Há quem use *pós-modernismo*, *modernidade tardia* ou *era do vazio* para descrever a época em que nos encontramos, dando motivo para muita discussão e não havendo consenso entre sociólogos, pelo que apenas adoto o termo considerado mais mediático.

O pensamento pós-moderno, é claramente marcado pelo secularismo, daí que as nossas mentes e principalmente as das novas gerações estejam ou venham a estar inundadas pelo mesmo. Albert Mohler Jr., explica de forma simples e clara do que trata a secularização da sociedade:



Antiga igreja da Europa que, devido à sua inatividade, foi transformada em casa de shows por seus novos donos

“Secular, em termos de conversação sociológica e intelectual contemporânea, refere-se à ausência de qualquer vínculo em relação à crença ou à autoridade de Deus. É tanto uma ideologia, conhecida como secularismo, como um resultado. A secularização, por outro lado, não é uma ideologia; é um conceito e um processo sociológico pelo qual as sociedades se tornam menos teístas à medida que se tornam mais modernas”.

Cada vez mais, lidamos com europeus cada vez menos teístas - a possibilidade da existência de Deus é um pensamento cada vez mais do passado, sem voz no presente, pior ainda para as gerações mais novas (crianças, adolescentes ou jovens universitários). A escola pública europeia é hoje um campo de guerra onde os jovens são bombardeados com pensamentos anticristãos, com a ridicularização da crença na existência em Deus; é no *campus* universitário que eles são confrontados com as mentes intelectualmente mais brilhantes - seja por meio dos professores ou dos livros de estudo, para os mais distintos cursos - e é ali que a fé cristã é arrebatada ou silenciada. Pesquisas lançam luz sobre esta triste realidade do mundo acadêmico pós-moderno, com características que se supõem transversais em todos os países ocidentais (observe):

Os valores fundadores da Europa, os valores judaico-cristãos são, hoje, nada mais que uma miragem do passado e isto é consequência de uma nova cosmovisão, uma nova maneira de pensar.



Os resultados apresentados abaixo são provenientes dos EUA, mas não são melhores na Europa.

25%

DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS PROFESSAM SER ATEUS OU AGNÓSTICOS, ENQUANTO APENAS 5 A 7% DA POPULAÇÃO EM GERAL É ATEÍSTA OU AGNÓSTICA

6%

DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS, APENAS, DISSERAM QUE A BÍBLIA É "A VERDADEIRA PALAVRA DE DEUS"

51%

DESCREVERAM A BÍBLIA COMO "UM LIVRO ANTIGO DE FÁBULAS, LENDAS, HISTÓRIA E PRECEITOS MORAIS"

75%

ACREDITAM QUE A RELIGIÃO NÃO PERTENCE ÀS ESCOLAS PÚBLICAS

FONTE: WARNER, JAMES - ARE YOUNG PEOPLE REALLY LEAVING CHRISTIANITY?, 2019, [ACESSADO EM 20/12/2019] EM <URL [HTTPS://COLDCASECHRISTIANITY.COM/WRITINGS/ARE-YOUNG-PEOPLE-REALLY-LEAVING-CHRISTIANITY/](https://coldcasechristianity.com/writings/are-young-people-really-leaving-christianity/)>.

A Igreja de Cristo na Europa, tem que ser consciente que a tragédia se deve, em muito, a dois fatores condicionantes:

- ➔ Por um lado, o fato de as pessoas, especialmente as gerações mais novas, estarem a serem moldadas por mentes aguçadas com os mais fortes argumentos do pensamento secular;
- ➔ Por outro, a realidade das condições que enfrentamos, que é drasticamente diferente daquela que os nossos pais enfrentaram.

Conhecer as principais características do pensamento pós-moderno é importante para que a igreja possa impactar a comunidade à sua volta e, assim, possa preparar, da melhor forma, os discípulos que irão fazer novos discípulos.

Eis algumas das principais características do pensamento pós-moderno que tantas vítimas faz nos dias de hoje:

Negação de todas as metanarrativas, inclusive a cristã.

Enquanto a *era moderna* se anunciava como uma libertação secular de uma autoridade cristã que operava com alegações de revelação divina, a *era pós-moderna* foi proposta como uma libertação das grandes autoridades seculares da razão e da racionalidade. Afirmava-se que a era pós-moderna libertaria a humanidade operando com uma "*incredulidade oficial em relação a todas as metanarrativas*". Em outras palavras, a pós-modernidade negou todas as grandes narrativas que, anteriormente, moldaram a cultura, pondo termo à narrativa cristã. [1]

Secularismo

A alegação de que a humanidade só pode vir a si própria e superar várias formas de injustiça pela libertação secular não é nova, mas agora é uma corrente dominante. É tão comum para as culturas das sociedades ocidentais que não precisa de ser anunciada - e muitas vezes nem é notada. [1]

Anti sobrenaturalismo

A modernidade trouxe muitos bens culturais, mas também, como previsto, trouxe uma mudança radical na forma como os cidadãos das sociedades ocidentais pensam, sentem, se relacionam e raciocinam. A libertação da razão do *Iluminismo*, à custa da revelação foi seguida por um anti sobrenaturalismo radical que dificilmente pode ser superestimado. O filósofo canadense Charles Taylor também mostra, de forma muito útil, que a história ocidental pode ser definida por três épocas intelectuais: a impossibilidade pré-iluminista da incredulidade, a possibilidade pós-iluminista de descrença e a impossibilidade moderna da crença. [1]

Declínio do cristianismo

Olhando para a Europa é muito claro que a era moderna alienou toda uma civilização das suas raízes cristãs, juntamente com os compromissos morais e intelectuais cristãos. Os sociólogos falam agora abertamente da morte da Grã-Bretanha cristã e a evidência do declínio cristão é abundante. A Europa, tradicionalmente composta, em sua maioria, por países cristãos como, Portugal, Espanha, Itália, Reino Unido, Suíça, Holanda e República Tcheca, tornou-se hoje claramente um campo missionário.

Em cerca de um século, o eixo do cristianismo mudou. Se, no início do século XX, aproximadamente 70% da população cristã mundial vivia na Europa, esse total caiu para 28% no final do mesmo século. Atualmente, a América Latina e a África juntas contam com cerca de 40% dos cristãos no mundo.

A SAÚDE DA FÉ CRISTÃ NA EUROPA

A fé cristã encontra-se em franco declínio em muitos dos países europeus, cada vez mais secularizados. O secularismo tornou-se a cosmovisão dominante na Europa central e no norte dos Estados Unidos; com isso, as novas palavras de ordem são o *relativismo*, o *politicamente correto*, o *multiculturalismo* e o apregoamento da *libertação da religião*.

Na Europa, a teologia de Agostinho exerceu grande influência sobre a Igreja por quase 800 anos; depois, a de Tomás de Aquino, por cerca de 500 anos, e a de João Calvino, por cerca de 300 anos. Mas, nos dias de hoje, a Igreja evangélica na Europa, além de enfrentar uma profunda indiferença e desprezo para com a fé cristã, também enfrenta os males que a própria igreja evangélica brasileira enfrenta e que são os grandes problemas das igrejas desta época: show, pragmatismo, minimalismo teológico e teologia da prosperidade. Grupos religiosos, como a IURD e a Igreja Maná, são considerados uma presença incômoda na sociedade europeia, contudo, ainda assim, o que trágica e lamentavelmente assistimos na igreja evangélica na Europa é o iniciar de uma maneira de pensar e de agir a partir da cultura e o mero encaixar de alguns textos bíblicos nos pressupostos culturais que se defende – o que os teólogos chamam de privilegiar a aplicação sobre a explicação.

Como cristãos, devemos estar profundamente preocupados que pensamentos determinados pela cultura estejam a sobrepor-se ao Evangelho, o que traz como consequência que as Escrituras estão a ser de tal forma deturpadas por aqueles que a manejam, que estes

chegam ao ponto de desvirtuarem e comprometerem o que a Palavra de Deus ensina sobre sexualidade, raça, masculinidade, feminilidade e tantos outros conceitos.

A Igreja na Europa está a abandonar a Verdade. Aqueles que se confessam cristãos estão cada vez mais a afirmar que a Bíblia meramente contém a Palavra de Deus em vez de afirmarem que ela é a Palavra de Deus, e há uma grande diferença nisso com resultados à vista: os cristãos europeus estão a deixar de falar contra o aborto ou a abraçar a prática, estão a defender a homossexualidade, bem como estão aceitando a eutanásia e a nomeação de pastoras nas igrejas locais, enquanto o Evangelho passou para um segundo plano, ele que é o fundamento do cristianismo.

Os maiores desafios para os cristãos na Europa

Conhecida esta triste realidade, a Igreja de Cristo na Europa tem de continuar fiel, custe o que custar, e essa é a maior dificuldade, num lugar onde o secularismo, para avançar, tem de devorar o cristianismo, e onde é este secularismo que se manifesta em maior número e força. Vive-se, assim, na Europa, uma cultura cada vez mais resistente à ideia de Deus, onde os cristãos são considerados “*bichos raros*” por serem aqueles que não vivem segundo as regras impostas pela sociedade pós-moderna - a perseguição encoberta é cada vez mais uma realidade.

Um dos problemas principais reside naquilo em que o cristianismo se tem tornado: um cristianismo tradicional, nominal, o qual é fabricado e fomentado nos próprios púlpitos que, na busca por uma mensagem cristã relevante, têm tornado o cristianismo irrelevante, alterando a essência do Evangelho e, consequentemente, alterando a única mensagem realmente relevante e poderosa que o cristianismo tem para oferecer aos Homens.

A pregação das Escrituras, da Verdade e do Evangelho é vital para a saúde da Igreja, de maneira que, para levar a *Luz do mundo* às densas trevas presentes na Europa, o maior desafio para a Igreja de Cristo na Europa é continuar a confiar e a pregar fielmente o Evangelho, na sua mais pura essência, sem alterar, retirar ou acrescentar. Uma vez que a única coisa que realmente temos para oferecer de relevante é o Evangelho, sem isso, somos como qualquer outro comum benfeitor, somos apenas mais uma de muitas religiões, somos os mais infelizes de todos os Homens.



Como aconteceu com a igreja da foto da página 10, estas aqui, também situadas no continente europeu, se tornaram em restaurante (acima, à esquerda), pub (acima) e pista de esportes radicais (à esquerda).



Tiago Bugalho é pastor na Igreja Baptista da Ramada, em Portugal. É professor no Seminário Baptista de Queluz, Portugal, e também presidente da AIBEM (Associação de Igrejas Baptistas para o Evangelismo Mundial) e da APCB (Associação Portuguesa de Conselheiros Bíblicos). Possui licenciatura em estudos teológicos pelo Instituto Bíblico Palavra da Vida, da Argentina, Pós-graduação em Teologia Sistemática pelo GDL (Grupo para o Desenvolvimento da Liderança) e Mestrado pelo Seminário Baptista de Queluz, Portugal. Casado com Melisa Bugalho e pai do Paulo, da Laura e de um bebê a caminho.

A Igreja de Cristo na Europa necessita de colocar o púlpito de volta ao centro e lutar com todas as forças para que ele permaneça no centro. Necessita de pregadores de coragem, que abram suas Bíblias e preguem a Palavra de Deus, contribuindo, assim, para uma desistência do pragmatismo herdado e para um abandono da tentação de abraçar a cultura em detrimento da verdade do Evangelho e da confiança no Seu poder, que é o poder de Deus para transformar o maior pecador e fazer com que os joelhos de todos os homens se dobrem diante de Jesus Cristo.

NOTA

[1] MOHLER, Albert - Blog Voltemos ao Evangelho. *O avanço do secularismo*, 2018

O CRISTIANISMO DE MENTE VAZIA E SEUS EFEITOS

FALA, PROFESSOR!

PROF. LECLERC VICTER



CULTURA VIRANDO EVANGELHO, RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE, SUPERVALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA E DO INTELLECTUALISMO, CLAMOR POR DIÁLOGO E INCLUSÃO, DESCONEXÃO COM O TRANSCENDENTE, PREOCUPAÇÃO COM O POBRE, RELEITURA DA BÍBLIA PARA QUE RESPONDA ÀS DEMANDAS DA PÓS-MODERNIDADE, ENFIM... NOVAS PALAVRAS, DIFERENTES ATORES, MAS A QUESTÃO CENTRAL É SEMPRE A MESMA: **A TEOLOGIA LIBERAL.**

Você consegue pensar sobre as informações que recebe? Consegue aplicar o conhecimento adquirido com reflexão? É impossível falar desse tema e não lembrar de tantos alunos e amigos que, em meio a aulas e palestras, diante de questões e conceitos bíblicos essenciais disseram: “É muita informação...”; ou, ainda: “Mas professor, isso é realmente necessário? O Evangelho é simples. Jesus é simples...”

Pode ser apenas um recorte, admito. Mas reflete com propriedade a realidade de muitas igrejas evangélicas. Milhares e milhares de homens e mulheres que decidiram navegar na calmaria das águas mornas, curtindo o “abraço” quente e acolhedor da mediocridade.

A MEDIOCRIDADE É UM LUGAR SEGURO

Podemos participar de cultos e programações, assistir *LIVES* sem preocupação; imperceptíveis, transparentes e invisíveis. Dessa forma encontramos a tranquilidade, sem ambição, sem ética, sem posicionamentos, sem filtros, sem nada. É como um tipo de droga que entorpece... Conseguimos manter o sorriso congelado, a “cara de paisagem” em qualquer situação. Não temos motivos pra chorar; não há perdas nem conflitos. Não precisamos brigar nem defender ideias. Tanto faz “o que”, “quem” ou “o por quê”, pois somos ignorantes. O importante é ter a vida própria, moralmente aprovada pelas pessoas que nos cercam. Afinal, se é possível conviver com todos, lendo, ouvindo e assistindo qualquer coisa sem dificuldade, somos felizes. O importante é ter paz no coração.

Só que esta paz tem um alto preço. Trocamos o brilho nos olhos pelo orgulho de uma vida repleta de amigos e portas abertas. Trocamos a certeza de que pisamos sobre marcas de valor que foram deixadas pelos discípulos de Jesus por templos cheios, reuniões animadas e eventos disputados.

Não é por acaso que, dia após dia, surgem novos líderes dizendo que a Bíblia não é inspirada, não é a Palavra de



Deus, é apenas mais uma obra escrita por homens. Ao mesmo tempo, se multiplicam as revelações e ensinamentos dos pastores, bispos e apóstolos eloquentes, carismáticos. Sempre alegres e otimistas, citam a Bíblia, mas também citam autores, músicas, artistas e políticos. É só reunir as palavras certas à linguagem religiosa e pronto: qualquer coisa é cristã, é de Cristo, é de Deus.

John Stott, fundador do *London Institute for Christianity*, e autor de mais de 40 livros, demonstrou sua preocupação na obra *“Crer é Também Pensar”*:

“Entrega sem reflexão é fanatismo em ação, reflexão sem entrega é a paralisia de toda ação (...) o espírito de Anti-intelectualismo é corrente hoje em dia. Multiplicam-se os programatistas, para os quais a primeira pergunta acerca de qualquer ideia não é: “É verdade?” mas sim: “Será que funciona?” (...) Ninguém deseja um cristianismo frio, triste, intelectualizado. Mas será que isso significa que temos que evitar a todo custo o “intelectualismo”? É a experiência que realmente importa e não a doutrina? Muitos fecham suas mentes ao fecharem seus livros, convencidos de que ao intelecto compete apenas um papel secundário... É a miséria e a ameaça do cristianismo de mente vazia”.

SEM ENSINO E REFLEXÃO ESTAMOS FRAGILIZADOS - VULNERÁVEIS

Já que falamos de reflexão, precisamos reconhecer que o problema não é apenas de indivíduos. A questão é mais grave. Há um erro institucional histórico que nos seguiu até aqui: lideranças que serviram antes de nós falharam na formação dos obreiros; as igrejas e instituições se tornaram anacrônicas. E como resultado prático, pastores e líderes evangélicos subestimam a importância da cultura na comunicação. Enquanto alguns se preocupam demais com as questões doutrinárias, outros focam apenas em questões morais,



e ambos se tornam insensíveis aos padrões de pensamento e aos comportamentos culturais das pessoas. Será que algumas palavras como: Deus, pecado e salvação despertam na mente dos ouvintes os mesmos conceitos que estão nas mentes dos pregadores?

Professores e pregadores falam da mesma forma para diferentes tipos de público, sejam crianças, adolescentes ou adultos; sejam cristãos, católicos, ateus, muçulmanos ou marxistas. Nos dirigimos às pessoas com despreparo e desrespeito, como se fossem primitivas, sem passado, sem história e sem inteligência. O que remete à ideia anacrônica de que evangelização é sempre um povo superior tentando salvar os pobres pagãos inferiores, não civilizados e bárbaros, da perdição eterna.

Na obra *“Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura”*, Bruce J. Nicholls escreve:

“O comportamento cultural não é biologicamente transmitido de uma geração para outra. Cada geração deve aprendê-lo com a geração anterior. É a soma total das atitudes e padrões comportamentais aprendidos por determinada comunidade (...) se o Evangelho apenas modifica ou muda o comportamento observável de uma pessoa ou de uma comunidade sem produzir uma mudança equivalente na cosmovisão fundamental, o nível da comunicação é superficial. De modo semelhante, incutir um novo conjunto de valores morais numa sociedade sem produzir mudanças perceptíveis nas instituições dessa sociedade é apenas uma conversão parcial”

Com muita propriedade, ele também afirma que:

“A linha divisória entre aquilo que é indiano e o que é hindu ou muçulmano é extremamente difícil de traçar. Somente o senhorio de Cristo e a iluminação divina do Espírito Santo sobre a Palavra de Deus escrita podem guiar o crente e a igreja a fazer essa distinção. Onde não houver interação genuína entre o supracultural e a cultura nacional da comunidade cristã, pode-se duvidar seriamente se o Reino de Deus está de fato entre esse povo em qualquer sentido que seja (...) O Evangelho nunca é o convidado de qualquer cultura; sempre é seu juiz e redentor.”

Agora sabemos porque tantas igrejas ficaram anacrônicas. Perderam o sentido histórico e, de certa

forma, se tornaram inúteis para Deus. Grupos fechados, como se fossem clubes; se retroalimentam com seus próprios valores e suas próprias verdades. Como se fossem mundos paralelos, encantados.

Mas, quando olhamos pela janela, o que vemos? O mundo confuso, de joelhos, sem saber como será na “pós-pandemia”. É tempo de frustração. Planos naufragaram e a convivência sob confinamento acabou revelando a verdade em muitas relações: famílias quebradas, casamentos falidos, religiosidade superficial. As pessoas estão cada vez mais dispostas a conversar sobre o significado das coisas e suas demandas; sobre vida, sobre morte, sobre fé, sobre Deus. E essa conversa será com quem? Com os evangélicos? Ora, é melhor falar sobre pecado com filósofos ateus do que ouvir o sermão de domingo na *LIVE* da igreja local! O sucesso dos *coachings* diz muito sobre nossa realidade. Eles conseguiram discernir o drama cultural dessa geração. Sabem como alcançar o coração do homem contemporâneo, discutindo os seus problemas e dilemas reais.

Há uns dois anos, participei de um Congresso de Jovens numa igreja histórica. Era uma programação para jovens, mas eles não estavam lá. Os bancos estavam vazios. Poucas pessoas, entre 15 e 20 no máximo, compareceram; muitos idosos. Três noites, três reuniões vazias. No último encontro, o pastor da igreja assumiu o púlpito e esbravejou: “Onde estão os jovens? Eles não se interessam! Querem que a igreja se adapte, que mude a estrutura e a forma de culto. Mas, isso nunca vai acontecer, porque a igreja não vai ceder aos caprichos desta geração. Por que eles não estão aqui?” Bem... Se eu pudesse falar naquele momento, diria sem vacilar: “eles não estão aqui porque a reunião é cansativa e anacrônica: não ajuda os jovens cristãos a serem cristãos no seu próprio tempo”.

O Evangelho é supracultural e transtemporal. Suficiente para comunicar a verdade de Deus a todo homem, em todas as culturas, em todos os tempos e em todas as organizações sociais (Mt 24.14; Jo 3.16; At 1.8). O Evangelho é a verdade e o poder de Deus, capaz de alcançar e transformar o homem em todos os níveis, inclusive o cultural (Rm 1.20; At 17.18-32; At 8). A igreja não é alienada nem alienante. Cristãos também são profissionais liberais, médicos, empresários e comerciantes que levam Cristo onde estão (1 Co 6.12-20). Quando a igreja cumpre as Escrituras torna-se

O LIBERALISMO TEOLÓGICO É UM PARASITA

O que é um parasita? É um organismo que vive sobre outro organismo ou dentro dele. Depende do outro organismo para se alimentar e para outras funções que garantem sua sobrevivência. Sua vítima é um hospedeiro, quase sempre, bem maior do que o parasita. Diferentes tipos de parasita causam efeitos diversos nos hospedeiros.

Alguns causam doenças, outros causam dor. Há também os que passam quase despercebidos por seus hospedeiros. No entanto, a relação básica é sempre a mesma: boa para o parasita e nociva para o hospedeiro.

O liberalismo teológico é assim. Se alimenta de igrejas e seminários, da energia e coração de homens e mulheres que amam o Senhor. Liberais não abrem suas próprias igrejas e escolas. Na verdade, estão bem aqui, entre nós. Das instituições cristãs, muitas delas conservadoras, recebem seus salários e gozam de respeito e admiração. A teologia liberal não planta igrejas, não edifica cristãos, não gera missionários, não contribui para que crentes perseverem na fé, aguardando o encontro com Cristo. Não é cristianismo.

Alguns dizem que o liberalismo morreu; outros afirmam que não há mais liberais entre nós. Mas, não se engane. As ideias do liberalismo continuam presentes, defendidas neste exato momento nas salas de aula, canais digitais e púlpitos das igrejas; pastores, professores e teólogos minando e matando a fé.

A teologia liberal é uma ameaça que nos cerca há três séculos. J. Grechan Machen (1881-1937), professor do *Westminster Theological Seminary*, escreveu o livro “*Cristianismo e Liberalismo*” para lidar com o problema que estava em alta no começo da década de 1920 – ou seja, há 100 anos.

E não adianta insistir que: “ser liberal é só romper com a tradição e com a hierarquia e ser desprovido de espiritualidade, frio e descrente... Desigrejado!” Nem

testemunha de Cristo para o mundo; quando vive o que prega, quando demonstra no dia-a-dia aquilo que crê, as pessoas param para ouvir (Jo 14.26; 16.13-15). Mas, quando a igreja não ensina, não reflete nem se atualiza, torna-se inútil no seu tempo.

O que aprendemos na pandemia? Que a boa imunidade é a principal defesa contra germes infecciosos como o vírus. Portanto, uma comunidade de fé saudável, firmada nas Escrituras, dialoga com o seu tempo e tem boa resistência. Mas uma igreja sem Palavra, sem reflexão e sem ação, não apenas falha na missão como também se torna frágil e não consegue resistir a ataques.

Este é um tema inquietante e necessário! Poderíamos falar muito sobre o despreparo das igrejas e o efeito disso sobre a missão. Mas quero, a partir de agora, chamar sua atenção para as consequências dessa “baixa imunidade eclesial” ... Pior do que a própria doença, é não sermos capazes de perceber que ela já chegou, tomou conta do corpo, que estamos morrendo aos poucos. É exatamente o que acontece quando uma pessoa sente algo, vai ao médico, faz exames e descobre que uma certa enfermidade está em estado avançado... É o que acontece com a igreja evangélica. Grita, canta e desafia os demônios. Só não consegue perceber que está adoecida, fragilizada. Há um parasita alojado no seu organismo.

dizer que: “liberal é sinônimo de libertinagem. Uma pessoa sem limites, para quem tudo é permitido...”

O liberalismo é uma doutrina que rejeita o Evangelho; possui arcabouço teológico robusto e proposta.

Foi na Alemanha que a Teologia Liberal surgiu, na relação entre o cristianismo histórico e o *iluminismo*, e avançou pelos séculos XVIII, XIX e XX. O *iluminismo* surgiu em meio ao conflito entre o ideal científico e o ideal da personalidade. E o pano de fundo foi a filosofia idealista que acabou se transformando nos sistemas de Fichte, Schelling e Hegel – que chamamos de liberalismo clássico.

Kant escreveu sobre a transcendência como dicotomia entre liberdade e natureza. Ou seja, a experiência transcendente só é válida se compreendida por pressupostos naturais e pela capacidade humana. Para ele, o lugar da religião é na mente humana. É o homem que cria para si normas e regras para viver, reduzindo a religião ao “querer moral”. Depois dele, Fichte declarou que a religião é ideia racional baseada no querer livre do ser humano, e, a partir desse contexto, surgiram aqueles que desenvolveram o sistema de ressignificação do cristianismo – a racionalização.

Para Lessing, há um abismo entre a razão e a fé. E Von Herder escreveu que a Bíblia utiliza linguagem poética. Ou seja, comunica a verdade através de símbolos. Esse é o caminho pra atravessar o “abismo”. O humano, natural, como simbólico do eterno, do divino.

Bauer e Wellhausen deram início aquilo que chamamos de “alta crítica” – a análise história e dialética das Escrituras. E Strauss avançou ainda mais, usando as ideias de Scheleiermacher para afirmar que é preciso encontrar o Jesus histórico, que a espiritualidade surge pela observação da comunidade de fé. É o encontro com o Jesus histórico que nos leva a uma religião verdadeira.

Ritschl escreveu que toda teologia precisa ser fundamentada na comunidade de fé, rejeitando totalmente a ideia de uma fé que se expressa na piedade. Para ele, o foco é sempre histórico. A teologia deve ser historicamente representada, e é a vinda do Reino de Deus que realmente motiva as comunidades. Uma vez que o Reino se aproxima, Deus muda a realidade das coisas. A marca da pregação otimista que deu origem a um tipo de “Evangelho social”. Jesus é a representação do homem perfeito, que se libertou de todos os impulsos

ruins da natureza humana; aprendeu a executar aquilo que é bom, o que representa a verdadeira religião. Aos poucos, Ritschl abandonou o conceito de revelação. Tudo ficou ligado ao mundo racional, tangível, histórico.

Aí, surge Adolph Von Harnack. Em suas obras, ele “acusa” o apóstolo Paulo de pregar um Evangelho *sobre* Jesus, e não *o verdadeiro* Evangelho de Jesus, a “religião simples”. Para ele, o cristianismo tinha sido “helenizado” ...

Você percebe como reflexão e ensino são indispensáveis? Se a nossa noção sobre quem Deus é está errada, todo o resto será ruim. A partir de uma visão falsa do Criador, é possível supor que o homem é resultado de processos evolutivos, que ainda se encontra em evolução e pode ficar ótimo. Nada se diz sobre pecado ou expiação; aliás, não há consciência de queda porque rejeita-se a ideia de que o pecado foi transmitido para todas as gerações. E se tiramos o pecado, pra que Evangelho e salvação? Na Teologia Liberal, Cristo não é salvador, mas é exemplo a ser seguido. Não se fala em milagre, ressurreição, mundo vindouro, céu ou Inferno. Tudo o que Cristo fez foi ensinar sobre a paternidade de Deus.

Ah! E é bom que se diga: os que defendem ideias liberais não querem destruir o cristianismo!

Teólogos liberais dizem que estão resgatando o verdadeiro cristianismo... Adoram a expressão: “verdadeira fé”. Chamam os demais cristãos de pseudocristãos ou acrílicos. Gostam de dizer que as pessoas não entendem. Afirmam que seu trabalho é um esforço pelo bem comum, para que Cristo seja visto. Sempre conectam a fé com o pobre, a política e as ações sociais. Parecem mais sensíveis, mais amorosos, socialmente mais responsáveis e mais éticos – é um tipo de fé que é estética.

Há uma beleza no discurso liberal que é bem diferente da loucura e dureza da cruz. A cultura se torna sinônimo de Evangelho e a verdade é relativizada. Supervaloriza a experiência e o intelectualismo. Clama por diálogo e inclusão dos mais desfavorecidos contra toda intolerância. E quer saber? Faz muito sentido. A fé só é transcendente a partir do amor e da preocupação com o pobre. E o ponto mais importante: é preciso promover uma releitura da Bíblia para que responda às demandas da pós-modernidade.

FALA, PROFESSOR!

**É O QUE ACONTECE COM A IGREJA
EVANGÉLICA. GRITA, CANTA E DESAFIA
OS DEMÔNIOS. SÓ NÃO CONSEGUE
PERCEBER QUE ESTÁ ADOECIDA,
FRAGILIZADA. HÁ UM PARASITA
ALOJADO NO SEU
ORGANISMO.**



COMO IDENTIFICAR A TEOLOGIA LIBERAL?

Um dia desses, vi um pastor falando sobre o amor de Deus. Para ele, Jesus veio ao mundo porque estava profundamente preocupado com as pessoas. Ele disse:

“muitas pessoas têm sido ensinadas que um pequeno grupo de cristãos viverá para sempre num lugar de paz e alegria chamado céu; o resto da humanidade viverá para sempre em tormento no inferno, sem chance de salvação. Mas isso é errado, prejudicial e contrário à mensagem de amor, paz e perdão de Jesus... essa é a mensagem que o mundo precisa ouvir urgentemente”.

O plano é sempre o mesmo: separar a mensagem de Jesus de outras vozes do Novo Testamento, especialmente Paulo.

Veja também o que disse, recentemente, uma das mais importantes vozes da igreja evangélica brasileira:

“Não existe uma doutrina correta! Isso é fantasia... Isso é uma abstração! O que existem são centenas de tradições da fé cristã (...) Paulo às vezes é histórico, às vezes é platônico, às vezes é judaico. Nem Paulo passa no crivo... A construção paulina do Evangelho é uma síntese de filosofia grega, direito romano e sacerdotalismo judaico... Quando alguém fala sobre “verdadeira doutrina”, eu não sei o que isso significa. Do que estamos falando? Eu sei o que falo quando falo de compaixão, generosidade, perdão, comunhão, repartir o pão, virar a outra face, não agredir mulheres e não abusar de crianças...”

Percebe? Se os evangélicos abrem mão do conhecimento, não ensinam nem promovem a reflexão, se tornam anacrônicos e não respondem às questões do seu tempo, pessoas ficam sem ânimo e esperança, cansadas da religião e da fé. Por isso, o pensamento liberal é como um bálsamo que traz paz e alívio a homens e mulheres que vivem num cristianismo de mente vazia.

Agora, observe algumas das principais marcas da Teologia Liberal. Pode ser que você já tenha ouvido isso na sua igreja... E pode até ser que você mesmo já tenha ensinado ou pregado algo assim:

- ▶ Experiências sobrenaturais não são fatos, mas explicações das pessoas na tentativa de descrever suas experiências ou entender Deus.
- ▶ A história sempre acontece de forma natural, com causas e efeitos.
- ▶ O nascimento virginal de Cristo, os milagres e a ressurreição jamais aconteceram na história.
- ▶ A criação, a queda, os milagres e a ressurreição pertencem ao imaginário cristão e não à história real.
- ▶ Não importa o que aconteceu no túmulo. O que importa é a declaração dos discípulos: eles dizem que Jesus ressuscitou.
- ▶ Muitos relatos bíblicos são invenções piedosas do povo judeu e dos primeiros cristãos.
- ▶ A Bíblia está cheia de erros e contradições. Apenas alguns textos foram inspirados por Deus.
- ▶ Interpretar a Bíblia é reconhecer que ela possui contradições.
- ▶ O *Iluminismo*, o *racionalismo* e as filosofias contribuem para uma análise crítica da Bíblia
- ▶ A criação, o dilúvio e muitos personagens foram inventados.
- ▶ Diversas passagens da Bíblia foram acrescentadas anos depois – estes textos não existem.
- ▶ O sentimento religioso é universal; todo ser humano é capaz de experimentá-lo.
- ▶ As experiências transcendentais na música, na arte e no diálogo inter-religioso são legítimas.
- ▶ Na verdade, muitos não cristãos conhecem mais a Deus que os cristãos.

METANOIA

Como nos ensinou o Dr. John Stott, se não usarmos a mente que Deus nos deu, seremos alvos fáceis desses ensinamentos que jamais nos deixaram. É preciso resistir – parar com o cristianismo romântico e ingênuo que não se preocupa nem se importa, que acha tudo lindo. Portanto, o conhecimento bíblico e a reflexão são indispensáveis.

“Transformai-vos pela renovação do entendimento” (Rm 12.2). O conhecimento é para ser usado no culto, para uma fé maior e uma vida cristã mais profunda. É para ser aplicado e compartilhado, para nos proteger de

tudo o que pode nos fazer tropeçar. A fé é um escudo, e a Palavra é uma espada. A certeza da Salvação eterna é o capacete que nos mantém seguros em Cristo.

Você pode perguntar: o que fazer para adquirir esse conhecimento tão precioso? Disposição mental para aprender e humilhação diante de Deus. Atitudes que um teólogo liberal jamais terá. Estes são os passos para que tenhamos a clareza e a coragem necessárias. Não subestime o pensamento liberal. Confie em Deus, estude e compartilhe a Palavra e viva para Cristo.



Professor Leclerc Victor é Teólogo, fundador da Oficina da Palavra. Membro da comunidade Verdade e Graça (RJ).

@professorleclerc
youtube.com/oficinadapalavra
instagram.com/professorleclerc

NOTAS

NICHOLLS, J. B. *Contextualização: uma Teologia do Evangelho e Cultura*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

STOTT, John. *Crer é também pensar*. São Paulo: ABU, 2012.

CARDIN, Helder. *Hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

HORDEN, W. *Teologia contemporânea*, São Paulo: Hagnos, 2003.

MACHEN, J.G. *Cristianismo e liberalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2012.

MCGRATH, Allister, *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*, São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MILLER, Ed. L. *Teologias contemporâneas*, São Paulo: Vida Nova, 2011.



CONVERSANDO COM O

**Rev.
Ageu
Magalhães**

No dia 16 de setembro de 2020, uma quarta-feira, em pleno horário do almoço, abordei o Rev. Ageu Magalhães via *Direct*, ferramenta de bate-papo do *Instagram*. Em tempo recorde [questão de horas], principalmente por se tratar de uma pessoa pública, o Reverendo me respondeu e, depois de não mais que poucas mensagens, alinhamos a entrevista. Expliquei para ele a nossa intenção de falarmos sobre ortodoxia, ortopraxia e ortopatia, o que ele aceitou de pronto.

Ageu Cirilo de Magalhães Junior nasceu em 8 de junho de 1972. É pastor na Igreja Presbiteriana de Vila Guarani, diretor do Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição e presidente do Sínodo Piratininga (um dos 85 sínodos da Igreja Presbiteriana do Brasil).

Ageu é um dos pastores presbiterianos mais conhecidos no Brasil. Em 2018, foi candidato a presidência do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, alcançando o terceiro lugar entre os candidatos, com 78 votos (6,01%). É conhecido pelas suas posturas conservadoras em relação às práticas cúlticas, sendo



reconhecido como protagonista de críticas a secularização do culto cristão e adoção de práticas antropocêntricas.

Em 2017, Ageu discursou na Assembleia Legislativa de São Paulo, por ocasião da comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante. No mesmo ano, recebeu homenagem da Câmara Municipal de São Paulo por conta dos 500 anos da Reforma Protestante. Em 16 de maio de 2019, Ageu discursou na Câmara Municipal de São Bernardo do Campo, quando recebeu o título de Cidadão Emérito do município.

Segue, abaixo, as perguntas e as respostas que foram concedidas por *email*.

MOTTA – Reverendo, o que é ortodoxia?

REV. AGEU - Literalmente falando, é a “opinião correta”. Trata-se da definição daqueles que têm o pensamento correto quanto a alguma doutrina. Por exemplo: a posição do pastor Antônio sobre a doutrina da Trindade é ortodoxa. Significa que o entendimento dele sobre esta doutrina é o correto.

MOTTA – Diante do constante discurso de “defesa da ortodoxia” que vemos na internet, nos surge uma questão: a ortodoxia deve e pode ser defendida a qualquer custo? Os meios e os modos importam?

REV. AGEU - A ortodoxia deve ser buscada e defendida, mas devemos falar a verdade em amor (Efésios 4.15). Os meios e os modos importam, com certeza. Por vezes, vemos alguns irmãos na redes sociais defendendo conceitos corretos, ortodoxos, mas de forma cruel, deseducada e sem tato. Na maioria dos casos, vence-se o debate, mas perde-se a pessoa. Deus não nos chamou para vencermos debates, mas para ganharmos pessoas para Cristo, fazendo discípulos. É possível, e necessário, pregar a doutrina correta, de forma amorosa e misericordiosa.

MOTTA – Um famoso pastor declarou em vídeo recentemente: “Não existe ortodoxia; não existe a doutrina correta. Isso é uma fantasia... uma abstração. O que existe são tradições da fé cristã.” Perguntamos: existe ortodoxia no cristianismo? Existe uma doutrina correta? Em que ela consiste ou quais doutrinas fazem parte dela?

REV. AGEU – A ideia de que não existe ortodoxia, ou verdades absolutas, é uma influência da pós-modernidade, do relativismo. O apóstolo Paulo nos advertiu a não nos conformarmos ao século, ao sistema de ideias vigentes no mundo (Romanos 12:2). O fato é que a Bíblia nos apresenta não apenas a existência de doutrinas corretas, como a necessidade de buscá-las e segui-las. Quando Jesus ensinava, “as multidões se maravilhavam da sua doutrina” (Mateus 22:33) e, quando questionado pelos judeus, Ele respondeu: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina” (João 7:17). Os crentes da Igreja Primitiva “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (Atos 2:42), e o apóstolo João nos advertiu: “Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém

vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas.” (2 João 9, 10). Assim, a Bíblia é a fonte das doutrinas que devemos seguir. No decorrer da história da Igreja, estas doutrinas foram sistematizadas nos Credos e nas Confissões de Fé. O *Credo Apostólico*, por exemplo, nos mostra quais são as crenças, ou doutrinas, principais da fé cristã. O mesmo nos mostram as confissões de fé, com uma abordagem mais detalhada.

MOTTA – Podemos dizer, então, que há um "evangelho puro"? Como demonstrar que o que chamo de "evangelho puro" não é meramente uma construção das minhas preferências teológicas?

REV. AGEU – Sim, o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo é puro. E eu consigo conhecê-lo na medida em que me aproximo da Palavra de Deus com o coração aberto e disposto a aprender. Quanto às diferentes interpretações sobre um mesmo texto, alguém está errado. Hoje nós temos ferramentas de estudo (exegese, hermenêutica) que possibilitam ao teólogo chegar ao sentido único do texto, o qual Deus quis comunicar ao Seu povo. Só assim o pastor pode dizer com certeza, no púlpito: “Igreja, assim diz o Senhor...”. As aplicações são variadas, mas o sentido do texto bíblico é único.

MOTTA – E o que é ortopraxia?

REV. AGEU – Ortopraxia é, literalmente, a prática correta. É o que se espera dos crentes verdadeiros: que creiam corretamente (ortodoxia) e que vivam da forma como Jesus ensinou (ortopraxia).

MOTTA – Se a ortodoxia cristã não pode ser reduzida a uma tradição particular ou se não pode haver uma ortodoxia básica comum a todos, como pode haver uma ortopraxia chamada cristã?

REV. AGEU – É possível uma “ortodoxia básica”. As Confissões de Fé possibilitam isso. As Confissões de Fé são documentos da Igreja que foram, em sua maioria, elaborados em concílios. Nestes documentos, as principais doutrinas da fé cristã são agrupadas e explicadas. As igrejas históricas costumam seguir Confissões de Fé. As Igrejas Reformadas, por exemplo, seguem as três formas de unidade (Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort), as Igrejas Presbiterianas seguem os Símbolos de Fé de Westminster (Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve), as Igrejas Batistas Reformadas seguem a Confissão de Fé de Londres de 1689, as Igrejas Congregacionais seguem a Declaração de Savoy de 1658. Estas confissões de fé não estão acima da Bíblia,



mas estão subordinadas a ela. Servem como sistematização de doutrinas, para melhor compreensão do povo de Deus. Assim, com esta “ortodoxia básica” que flui das confissões, é possível haver uma ortopraxia básica também.

MOTTA – Qual é o problema de desenvolvermos uma ortopraxia sem termos uma ortodoxia? O cristianismo não se torna uma religião de obras? O Evangelho não deixa de ser uma boa notícia para ser uma agenda?

REV. AGEU – Sim, com certeza. É uma doutrina firme e clara que nos dá os rumos de tudo o que devemos fazer no mundo. Sem uma boa ortodoxia, não há como ter ortopraxia. Sem os fundamentos corretos, a prática da igreja pode, facilmente, se inclinar para visões políticas e sociais até contrárias ao cristianismo. É necessário ter um fundamento bem firme, na Palavra.

MOTTA – Tiago 1:22 diz: “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos.” Como podemos aplicar esta passagem à igreja brasileira?

REV. AGEU – A Igreja Evangélica no Brasil carece de ortopraxia. Milhões se declaram evangélicos, mas nós não sentimos o efeito disso na transformação social do país. Se os que se declaram crentes obedecessem à

Palavra, nós seríamos os melhores funcionários, os melhores alunos, os melhores políticos. Infelizmente, há muitos que se declaram evangélicos, que são os piores em tudo, porque não vivem na Palavra. Se metade dos evangélicos comessem a obedecer Jesus Cristo, nós teríamos uma revolução neste país. Haveria transformação, de fato.

MOTTA – Por fim, o que é ortopatia?

REV. AGEU – Literalmente, é o sentimento correto. É não apenas crer corretamente (ortodoxia), viver corretamente (ortopraxia), mas sentir e ter as motivações corretas (ortopatia).

MOTTA – Sem a ortopatia, como uma defesa da ortodoxia e uma vida ortoprática podem ser benéficas? Não seria como ganhar o mundo e perder a si mesmo?

REV. AGEU – Sem os sentimentos e as motivações corretas, nós seríamos como os fariseus que obedeciam a Lei apenas por amor à Lei, como uma causa em si mesmo. Deus nos ensina que a nossa motivação deve ser o amor a Ele, sobre todas as coisas, e o amor ao próximo, como a nós mesmos. Assim, com as motivações corretas, de amar e glorificar a Deus, é que nós podemos ensinar corretamente o Evangelho e vivê-lo, dando testemunho de nossa transformação ao mundo.

MOTTA – Como a ortopatia se relaciona com o “negar a si mesmo” e com a “aparência de piedade”?

REV. AGEU – Na medida em que eu encho o meu coração com a Palavra de Deus, eu vivo em obediência. Assim, é possível não considerar a minha própria vida como preciosa demais e nem a minha autoimagem. Quando Cristo vive em mim, eu considero o Reino de Deus como superior a tudo e obedeço à Palavra.

MOTTA – É possível glorificar a Deus sem ortodoxia, ortopraxia e ortopatia?

REV. AGEU – Não. Deus é glorificado quando honramos sua doutrina, a praticamos em nosso dia a dia e tudo isso com a intenção correta, de não glorificarmos a nós mesmos, mas glorificarmos a Deus.

MOTTA – Não parece haver uma falta de ênfase na prática correta e no sentimento correto na luta por reforma no evangelicalismo brasileiro?

REV. AGEU – Com certeza. Essa praga chamada “Teologia da Prosperidade”, que infectou o Brasil, ensina um modo de vida egoístico, ensimesmado. A preocupação é ser feliz, ter bens, ter a “vitória”, mas não

exalar o bom perfume de Cristo (2 Coríntios 2:15). Apenas quando a igreja evangélica começar a mostrar o reflexo de Cristo ao mundo é que nós poderemos, de fato, anunciar o Evangelho.

MOTTA – Qual é a principal lição que esta entrevista pode ensinar aos “teólogos de internet”?

REV. AGEU – Por “teólogos de internet” podemos denominar aqueles que estão entusiasmados com o Evangelho, mas vivem no mundo virtual. Meu conselho a estes é que abandonem os debates de internet, peguem um bocadinho de folhetos evangelísticos e vão para uma praça evangelizar. Ofereçam-se aos seus pastores para fazer visitas com eles e para ajudarem os diáconos na arrumação da Igreja. O que nos faz discípulos de Jesus não é a nossa capacidade de debater, nem a quantidade de livros que já lemos, mas o quanto amamos ao Senhor, a sua Igreja, o seu Reino, e o quanto temos nos dedicado a ele.

MOTTA – Uma última palavra, reverendo?

REV. AGEU – Que Deus abençoe a todos que chegaram até aqui. Que nos esforcemos, cada dia mais, em sermos parecidos com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho.

BLACK LIVES MATTER



**O QUE É BLACK
LIVES MATTER?**

**PRESSUPOSIÇÕES
DO BLACK LIVES
MATTER E SEUS
CONTRASTES COM
A ESCRITURA**

**A RESPOSTA
BÍBLICA AO BLM**

**SOLUÇÕES
SOCIAIS**

O FIM DO BLM

**POR WALLAS
PINHEIRO**



O QUE É BLACK LIVES MATTER?



Segundo o site oficial do *Black Lives Matter*, a missão deste movimento é erradicar a supremacia branca combatendo atos de violência, criando espaço para imaginação e inovação negra [1]. Desse modo, o *BLM - Black Lives Matter* - busca explicitamente combater vantagens que os brancos têm devido à sua cor, permitindo, por meio da educação, o avanço da comunidade negra.

A missão do movimento diz o que ele é: uma iniciativa para derrubar qualquer possível exploração ou privilégio que alguém tenha por ser branco.



PRESSUPOSIÇÕES DO BLM E SEUS CONTRASTES COM A ESCRITURA

Quais são, então, as *pressuposições* do movimento?

Em primeiro lugar, o movimento pressupõe *uma luta de classes* a partir do ponto de vista da cor. Não há um combate contra uma supremacia geral simplesmente, mas contra a supremacia branca. O pecado definido por esta mentalidade nos leva a crer que a maldade contra os negros parte essencialmente da branquitude que, presumivelmente, tomou as possibilidades deles de poderem utilizar sua imaginação e criar inovações. A culpa pelos negros não terem criado inovações ou terem exercido papéis importantes no campo das ideias é, claramente, dos brancos. Por esta razão, quem não é considerado negro deve pagar pelos pecados/crimes dos seus contra a comunidade negra.

Em segundo lugar, pressupõe *uma nova revelação*. Na

Escritura não existe nenhum tratamento sobre cor de pele como conflito essencial na humanidade. O problema mais próximo evidente é o antagonismo entre cristãos judeus e cristãos gentios. Problemas raciais são desconhecidos da Bíblia em qualquer nível. Se o antagonismo entre judeus e gentios não pode ser interpretado como equivalente ao conflito racial moderno, o que o BLM trata como problema só pode ser uma nova revelação sobre a natureza humana dada por alguma divindade ou, pelo menos, pela capacidade humana de perscrutar coisas nunca antes acessadas com a nossa mente – um tipo de gnosticismo.

Em defesa do BLM, alguém pode argumentar que não havia a noção de “raça” como temos hoje para que os apóstolos pudessem recorrer. Contudo, não parece ser o caso. Tanto Platão [2] quanto Tácito [3] já tratavam de raça antes e durante o período dos apóstolos. A diferença única entre o conceito moderno e o greco-romano é que a mentalidade atual está impregnada de um cientificismo ainda não presente naquele momento. O darwinismo elevou o conceito de raça a um status biológico jamais visto, embora, progressivamente, tal noção tenha sido abandonada. Isso evidencia que as questões raciais sempre foram problema para a mentalidade pagã, mas nunca para a mentalidade cristã.



Tudo isso nos leva de volta ao conflito judaico-gentio. Se é verdade que tal conflito explica em parte a existência de racismo (como alguns argumentam na igreja), então deve-se ver quais são as soluções dadas pelos apóstolos a tal problema; portanto, deve-se presumir que as soluções contra esse tipo de divisão se aplicam, analogamente, ao “racismo” moderno.

O judeu sempre estivera à frente do gentio. Primeiro, porque aos judeus foram confiadas as palavras de Deus (Romanos 3.1,2); segundo, porque mesmo Cristo foi enviado previamente às “*ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mateus 15.24) e só posteriormente aos gentios. Evidentemente, um judeu tinha muitos motivos para se sentir superior a um gentio. O pecado do Orgulho sempre esteve à disposição deles. Segundo a visão racial atual, Paulo dizer que o judeu era privilegiado deveria vir seguido de uma afirmação clara de perda de poder por parte deste. Não é o caso. O Evangelho esteve ainda antes entre os judeus e depois chegou aos gentios.

Diante desse contexto, nota-se a resistência até mesmo dos apóstolos para lidarem com a conversão dos não judeus, algo que se pode perceber pela dificuldade de Pedro nos capítulos 10 e 11 de Atos dos Apóstolos em



lidar com a conversão de um gentio. Qual foi a resposta dos apóstolos ao perceberem o problema? “Almas gentias importam”? Não foi.

A resposta dos crentes do primeiro século se aproximava muito mais de um “todas as vidas importam”. Em Romanos 1, Paulo mesmo argumenta que o “*evangelho é salvação para todo o que nele crê; primeiro do judeu e, também, do grego*” (Romanos 1.16, 17). Mesmo com toda a crise entre crentes judeus e gentios, Paulo não colocou o grego (gentio) antes do judeu. Mesmo que o incêndio estivesse “na casa dos gentios”, os apóstolos não reduziram e nem enfatizaram o Evangelho para estes, pelo contrário, colocaram o

Evangelho como uma mensagem universal, pois o pecado é universal (Mateus 28.19; Isaías 49.6; Romanos 3.1, 2, 9-29).



A RESPOSTA BÍBLICA AO BLM

“E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua [dela] semente” (Gênesis 3.15).

As bases do BLM estão firmadas na noção pagã de “*Luta de Classes*”; o conflito na mentalidade não cristã está sempre ligado a questões externas (dinheiro, poder, cor, nacionalidade); por outro lado, o Cristianismo expressa que a *Luta* está essencialmente ligada à natureza caída do homem, e essa luta não está necessariamente ligada ao poder, dinheiro ou coisas externas, mas sim à inimizade entre o ímpio e Deus, que o torna antagônico à qualquer membro da aliança que Deus fez com o seu povo.

A *Luta de Classes* por cor é vista acontecendo de modo sistêmico e histórico. A exigência do movimento é que os brancos paguem tudo o que roubaram dos negros. É evidente que o BLM clama por justiça social.

Porém, as Escrituras argumentam que ninguém pode ser responsabilizado por pecados de seus pais ou qualquer antepassado (Deuteronômio 24.16; Jeremias 31.29, 30; Ezequiel 18.20). Essa responsabilidade não é só “espiritual”, mas material, de modo que legalmente e juridicamente, qualquer atribuição de culpa a um indivíduo que não praticou um ato é em si mesmo injusta, mesmo que chamem isso de justiça social (termo que por si só poderia ser tratado extensivamente e se notaria seu total fracasso). O justo não pode pagar pelo pecado do injusto, não em termos legais (Ezequiel 18.20). Exigir o pagamento por pecados do passado é como exigir dos alemães um pagamento para os judeus de hoje por causa dos pecados dos nazistas.

O BLM fracassa em sua proposta de justiça porque ao estabelecer uma justiça que não condiz com a equidade geral das Escrituras, torna ela parcial, pois nenhum julgamento pode ser feito considerando status social do indivíduo (Deuteronômio 1.17; Levítico 19.15), de modo que nem o negro e nem o branco podem ser tratados de modo diferente diante da lei. A parcialização da lei leva ao aumento da criminalidade porque, em prol

da garantia de penas maiores para um grupo, sempre se deixará o outro contrário com maior liberdade para suas injustiças.

Ainda que os problemas presentes possam ser resultado de anos de explorações do passado, a resposta bíblica para esses problemas não é a proposta apresentada pelo BLM e pelos justiceiros sociais em geral. A verdade de Deus estabelece que, diante do contexto de escravidão, tendo-se alcançado a liberdade, se torna imperativo que a obediência seja maior ainda (Deuteronômio 24.18). O argumento é simples: se foram escravos, devem mostrar obediência a Deus, pois entendem melhor do que qualquer um o que é servir (Deuteronômio 15.15).

Quando o BLM parcializa a justiça, parcializa a verdade, distorce a realidade e cria desordem e desobediência – pois esse é o resultado da parcialização.



SOLUÇÕES SOCIAIS

O discurso de Paulo no Areópago é interessante: “*de um só homem, Deus fez todos os povos*” (Atos 17.26). Diante disso, embora se possa falar em “vários povos” não se pode falar em “várias raças” dentro da humanidade. A noção de raças sempre será pagã, jamais cristã.

As questões sociais não são estabelecidas a partir da relação do crente com a igreja, mas sim da relação estabelecida por Deus ao formar suas criaturas. Por que entender isso é tão importante? Porque os problemas sociais nascem do coração mau humano e da incompreensão das relações estabelecidas por Deus.

Essas coisas podem ser ilustradas de outro modo. Embora em relação a Cristo não exista “*homem ou*

mulher” (Gálatas 3.28), é argumentado que na igreja a mulher não deve exercer papel de homem (1 Timóteo 2.12). Ora, o mesmo apóstolo escreveu as duas coisas - ou ele errou (o que presume que temos uma nova revelação) ou as duas coisas são verdade em sentidos diferentes. O contexto de ambas as passagens esclarece: em relação ao modo como fomos criados, permanecemos diferentes (por isso, existe homem e mulher, mas não duas raças, porque Deus fez uma só), mas diante de Cristo essas distinções não fazem diferença, isto é, no plano salvífico. No caso de um branco e um negro, tal questão vai além, pois se nem na criação Deus criou raças, muito menos na igreja, em relação a Cristo.

A pregação do Evangelho para judeu e grego resolveu as tensões iniciais entre estes ramos; e é a pregação do Evangelho que pode vencer os conflitos que podem eventualmente surgir na igreja por questões supostamente raciais. O Evangelho aponta para um Cristo que é o mesmo tanto entre gregos quanto entre judeus, que salva tanto a circuncisos quanto incircuncisos; é de se esperar, portanto, que este mesmo Cristo unifique, sob seu bastão de ferro (Salmos 2) pessoas de mais variadas cores e nacionalidades.



A solução social pode não parecer realmente solução, de tão simples que é: qualquer tentativa de distinguir entre as duas cores em prol de uma, não resolve; portanto, o tratamento de ambos deve ser igual perante a lei, e não simplesmente “igual em toda e qualquer circunstância”.



O FIM DO BLM

O BLM se vale de uma tendência do coração pecaminoso anterior à qualquer ideologia política moderna, e também antes de toda formulação filosófica pós-iluminista. Toda movimentação política se vale de uma distorção linguística, mas jamais tal distorção começou na política. Toda maldade provém do coração (Mateus 15.19), e é do coração do indivíduo que, encontrando eco na comunidade humana, flui toda a corrupção.

Este aspecto é verdadeiramente pré-teórico, e está atrelado à natureza humana antes mesmo que ele tenha consciência da maldade em si mesmo. E como toda maldade precisa de uma defesa, pois só assim se perpetua e garante seu funcionamento, é necessário renomear todas as coisas, inversamente ao que Deus fez na criação do mundo. A maldade do coração humano o leva a chamar ao “*bem mal e ao mal bem, às trevas luz e à luz trevas*” (Isaías 5.20).

Não é sem motivo que o BLM parece fazer sucesso entre todas as pessoas que não entendem bem o que foi dito anteriormente. Renomear as coisas faz elas parecerem justas, pois edita a realidade, e faz ela parecer algo que não é.

Por amor às trevas o homem estabelece revoluções e chama elas de iluminação ou iluminismo. Ele, por odiar a Deus, busca suplantá-la sua ajuda, misericórdia e poder com o que estiver diante de si - se o dinheiro ou o Estado, não é o que importa, pois com frequência ambos são utilizados conjuntamente com o mesmo fim. O BLM tem atrás de si organizações com grande poder econômico e, como toda mentalidade humana, está atrás do poder estatal para garantir sua força.

Cristo, porém, espera que mais essa junção de povos contra ele pereça. O resultado final do ódio à Verdade de Deus é duplo nesse caso. Primeiro, porque o ódio à sabedoria leva à morte (Provérbios 8.36), e não sem

motivo, o BLM busca o fim de estruturas que têm garantido a vida mesmo dos que o movimento diz proteger; o resultado natural desse ódio pela verdade de que não se deve lutar por nenhuma raça, é justamente o aumento de sofrimento para aqueles mesmos que estão na mira dos que buscam, supostamente, ajudar.

Segundo, como diz claramente o Salmo 2, os povos se unem contra o Senhor, mas perecem porque o Senhor se levanta contra eles. A maldade, fincada no indivíduo, aceita e sistematizada pela sociedade, que alcança os poderes maiores do Estado, é vencida por Cristo e seu Governo. Os poderes políticos deste mundo se dobram diante da vara de ferro (Salmos 2.9) que o Filho de Deus tem para, reinando, governar sobre todos os povos.

É verdade que o BLM pode existir por anos e, eventualmente, parecer se tornar um poder político invencível. Mas, também é verdade que dado o seu ódio natural à verdade da raça humana única e a Deus, ruirá sobre seus próprios fundamentos, que em si não têm sustentação revelacional.

O fim do movimento é ceder ao governo de Cristo.

NOTAS

[1] *BLACK LIVES MATTER. ABOUT*. Disponível em: https://blacklivesmatter.com/about/tradução_livre. Acesso em: 08 out. 2020.

[2] PLATÃO. *As Leis: Incluindo Epinomis: Volume 1*. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2010.

[3] TÁCITO, Públio Cornélio. *Germânia*. São Paulo: EbookLibris, 2006. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html>. Acesso em: 08 out. 2020.



Wallas Pinheiro, cursando Licenciatura em Filosofia, é Designer e Tradutor da Editora Caridade Puritana, membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares, casado com Samira Pinheiro.

O Evangelho é complicado?

Depois de não receber uma só resposta bem estruturada, bíblicamente fundamentada e intelectualmente esclarecedora, ao pedir aos meus amigos do Facebook para que definissem [em suas próprias palavras] o Evangelho, nos comentários de uma publicação de meados de dezembro de 2018, postada naquela rede social, nasceu em meu coração o projeto de escrever algo que discorresse sobre este, que é o tema fundamental da Bíblia, e que funcionasse como uma ferramenta preparatória para todo aquele que deseja empregar seus esforços no evangelismo – algo que fosse entendido de maneira simples e prática, e que pudesse auxiliar os irmãos no curto prazo. Esse projeto virou um livro, ainda em construção. E, agora, virou esta série de artigos aqui na revista.

Começaremos com esta pergunta que é muito importante: o Evangelho é complicado? Bem sabemos que, além de o encontrarmos muito bem definido na Bíblia, o Evangelho é uma mensagem homogênea que sempre foi aceita e compreendida, de forma geral, há séculos, pelos cristãos. Com exceção de pontos que podem ser considerados secundários [e que se tornaram primários para alguns], todo cristão verdadeiro crê no Evangelho em sua forma genuína, como ele é encontrado na Bíblia.

Diante disso – e do tema proposto, a primeira questão que nos vem à cabeça é: como, então, o Evangelho, pode se tornar complicado? Isso pode acontecer? Se sim, em que circunstâncias isso acontece? Ora, a resposta é simples. O Evangelho se torna

complicado quando deixa de ser apresentado e ensinado da forma como aparece na Bíblia, e é misturado com ideias, conceitos, práticas e rituais estranhos ao que Jesus e os apóstolos ensinaram. Não é isto que está acontecendo em grande parte do Brasil e do mundo, hoje, com o crescimento do movimento neopentecostal e o surgimento de comunidades e igrejas criadas em torno da teologia da prosperidade, batalha espiritual, quebra de maldições, exploração financeira dos fiéis, introdução de práticas judaicas no culto e dezenas de outras coisas estranhas? Para não falar de ensinamentos errados, doutrinas falsas e conceitos heréticos, que perturbam, confundem e angustiam muitas pessoas que buscam a verdade sinceramente. Para estas, o Evangelho acaba se tornando algo complicado, que elas não entendem direito.

No que tange ao evangelismo, quando pessoas comuns, mas cheias de vontade, se voluntariam para pregar a Palavra, sem antes receberem a devida instrução por parte de seus líderes, o Evangelho também pode se tornar algo complicado. Isso, quando não acontece de os próprios líderes serem homens completamente despreparados. Enfim, homens e mulheres que não foram discipulados, que não aprenderam sobre Cristo, não podem e nem devem ensinar sobre Ele. A ordem de Jesus é:

“Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação do mundo. Amém.”
(Mateus 28:19-20)

Biblicamente, é claro que um homem pode ser salvo sem ter sido teologicamente instruído, sem ter passado por um preparo intelectual - o chamado do Evangelho é para que este homem se arrependa dos seus pecados, creia em Cristo e O ame de todo o coração.

Um salvo pode não saber explicar temas como justificação ou santificação, mas com certeza saberá afirmar com clareza a sua fé e seu amor por Cristo. No entanto, não devemos contemplar tal quadro com os mesmos bons olhos quando tratamos do assunto do evangelismo. Afinal, a ordem não é apenas para irmos, mas, também, para ensinarmos. Ensinarmos tudo o que Cristo nos mandou. Mas...

Como ensinaremos aquilo sobre o que não aprendemos? Um crente mal ensinado sobre o Evangelho, pode causar enormes estragos nas mentes e nos corações de quem não conhece a Cristo. Na tentativa de fazer a salvação conhecida, muitos têm pavimentado o caminho da rejeição ao Evangelho, enquanto empreendem uma jornada marcada pelo despreparo. Em sua essência, portanto, e de acordo com a própria Bíblia, não podemos afirmar que o Evangelho seja complicado, outrossim, que ele pode ser adulterado, diluído, misturado, e esta época tem nos mostrado justamente isso. Nosso grito silencioso, nesta série de artigos, é que é tempo de descomplicarmos o Evangelho - tanto para os que estão dentro, e, consequentemente, para os que estão de fora.

Todavia, para descomplicarmos algo, este algo precisa ser complicado - e já sabemos que o Evangelho, em nosso contexto,

está ou tem sido complicado. Contudo, em seu cerne, ele não é complicado.

A proposta de descomplicar o Evangelho, portanto, não deve partir da ideia de que temos em mãos um barbante cheio de nós que devem ser desatados, e que, caso contrário, um eventual evangelizado não poderá compreender nada das informações que estará recebendo [pois o Evangelho seria demasiadamente complicado]. A proposta de descomplicar o Evangelho parte, na verdade, da premissa de que o Evangelho verdadeiro e realmente bíblico não é complicado, mas foi abandonado por grande parte dos cristãos de nossa época como sendo algo pejorativamente dogmático, cansativo, pouco atrativo, e nada imediatista. Logo, descomplicar o Evangelho nada mais é do que retornar ao Evangelho verdadeiro.

Assim como a Reforma Protestante de 1517 foi mais um retorno do que uma reforma, uma desconstrução da deformação e uma retomada ao caminho da construção original, a proposta de descomplicar o Evangelho é um convite a tomarmos a contramão do sistema religioso, em direção ao Evangelho de Cristo e de seus apóstolos. C. S. Lewis, no célebre *Cristianismo Puro e Simples*, destaca:

“Todos nós desejamos progredir. Mas o progresso significa chegar mais perto de onde você deseja estar; contudo, se você tomou um atalho errado, então seguir em frente não vai levá-lo para mais perto. Se você estiver no caminho errado, o progresso significará dar meia-volta e retornar ao caminho certo...” [1]

Descomplicar o Evangelho, portanto, significa andarmos um

pouco para trás, regredirmos um tanto, para que, enfim, possamos perceber que o verdadeiro Evangelho não é complicado.

NOTAS

[1] C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*, (Thomas Nelson Brasil, 2017), 59-60.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista *Fé Cristã*. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um
pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner